

Queridas companheiras e queridos companheiros,

Quero saudar todas as companheiras e todos os companheiros britânicos e de outros países que estão participando dessa Conferência de Solidariedade à América Latina e parabenizar a iniciativa da Trades Union Congress (TUC) e das demais entidades de organizar esse importante evento.

Em nossa região, durante mais de uma década, vínhamos construindo um modelo de desenvolvimento socialmente e ambientalmente sustentável e alicerçado no fortalecimento da democracia e dos direitos humanos, na integração dos nossos povos e na cada vez mais expressiva realização dos direitos daqueles que mais necessitam: os excluídos, as mulheres, os negros, indígenas, trabalhadores e trabalhadoras, pessoas discriminadas e perseguidas.

No entanto, as elites latino-americanas não sabem conviver com a democracia e com a inclusão social dos mais pobres, e aquele caminho de desenvolvimento e ampliação de direitos foi interrompido por métodos antidemocráticos que incluem a manipulação do sistema judicial para a perseguição política – o lawfare – a interdição do debate e o envenenamento da sociedade pela disseminação industrial do ódio e das mentiras das fake news.

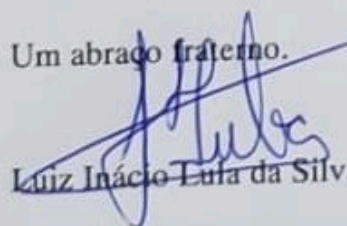
Depois de passar 580 dias preso e de receber inúmeras demonstrações de solidariedade vindas de todo o mundo, eu posso afirmar que a luta ainda não acabou. A campanha “Lula Livre” tem pela frente uma batalha ainda maior e mais decisiva: seguirei lutando para provar minha inocência, por justiça, democracia e os direitos da classe trabalhadora.

No Brasil, seguiremos resistindo a um governo que não respeita a democracia, os direitos humanos, trabalhistas e sociais e muito menos o meio ambiente: como o mundo pode assistir no caso dos recentes incêndios que atingiram a Amazônia ou no desastre causado pelo derramamento de óleo na costa do nordeste brasileiro. Vamos vencer essa luta, porque provamos que é possível governar para as pessoas mais necessitadas, levar os pobres às universidades, gerar emprego e prosperidade.

A América Latina passa por momentos decisivos. Ao mesmo tempo em que acontecem enormes mobilizações populares em toda a região – além da vitória eleitoral de Alberto Fernández na Argentina – o companheiro Evo Morales sofreu um golpe de Estado na Bolívia. Diferentemente dos recentes golpes em Honduras, Paraguai e também no Brasil, que tentaram simular uma capa de institucionalidade, o golpe na Bolívia repete métodos sangrentos dos golpes de Estado das décadas de 1960 e 1970. Tenho certeza que se o golpe de Estado na Bolívia não sofrer o mais absoluto repúdio da comunidade internacional, golpes militares poderão voltar a ser corriqueiros em nossa região.

Por fim, mais uma vez gostaria de registrar toda a minha emoção com as diversas mobilizações e declarações de solidariedade organizadas pelo movimento sindical internacional e demais organizações sociais do Reino Unido e de todo o mundo – como as da Trades Union Congress (TUC) e seus sindicatos. Eu não esperava tanto carinho e solidariedade. Esses gestos não alcançam apenas a mim, mas a todas e todos que defendem a democracia e a justiça no Brasil e sofrem as consequências dessa luta.

Um abraço fraterno.


Luiz Inácio Lula da Silva